

XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia.  
Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, 2017.

# **O circuito editorial anarquista de Buenos Aires e suas relações transnacionais (1890-1905).**

Souza Cunha, Eduardo Augusto.

Cita:

Souza Cunha, Eduardo Augusto (2017). *O circuito editorial anarquista de Buenos Aires e suas relações transnacionais (1890-1905)*. XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-019/520>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

## **Mesa 96. Proyectos culturales y anarquismo en Argentina, 1890-1943**

**Título de la ponencia:** O circuito editorial anarquista de Buenos Aires e suas relações transnacionais (1890-1905)

**Nombre:** Eduardo Augusto Souza Cunha<sup>1</sup>

**Filiación institucional:** Estudiante de maestría en Historia en Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo estudar a atividade editorial anarquista em si, abordando como os militantes se organizavam para fazer suas publicações. Abordaremos o conjunto dos impressos anarquistas, mas com foco nos livros e folhetos. Nesse sentido, apresentamos a ideia de “circuito editorial anarquista”. Tomando como base as proposições de Robert Darnton acerca do “circuito das comunicações”, propomos uma análise panorâmica sobre as diversas etapas da dinâmica editorial anarquista. Como veremos, todo o “circuito editorial anarquista” está inscrito em uma rede transnacional de militância. Essa rede, formada devido ao contexto repressivo europeu pós-Comuna de Paris e à onda de grandes imigrações transatlânticas, ligou militantes anarquistas de diferentes localidades, sendo essencial para a compreensão do anarquismo da época. Dessa forma, veremos que através do estudo da atividade editorial anarquista em Buenos Aires podemos lançar luz sobre a constituição dessa rede e seu funcionamento.

### **Introdução**

O destacado militante anarquista Diego Abad de Santillán, em 1930, ao tratar da circulação de impressos anarquistas na virada dos séculos XIX e XX, afirmou: “la Argentina era además el mejor mercado para las publicaciones españolas e italianas; de las primeras se recibían en grandes cantidades La Revista Blanca, Tierra y Libertad, Idea Libre, La Huelga General de Madri y Barcelona”. O autor acrescenta: “la bibliografía se vuelve cada dia más

---

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado parcial da dissertação de mestrado intitulada “Editar a Revolta: a edição e a circulação de impressos na formação das organizações operárias de Buenos Aires (1890-1910)”, realizada com apoio da FAPESP (nº 2015/10523-6, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP. **Contato:** [eduardoascunha@gmail.com](mailto:eduardoascunha@gmail.com).

numerosa; Buenos Aires ve aparecer tantos folletos de propaganda y libros como Barcelona; algunas de las ediciones de entonces podrían reimprimirse con provecho”<sup>2</sup>.

Nesse período, o anarquismo se enraizou na Argentina, constituindo-se como força hegemônica no movimento operário. Em meio a suas ações, as práticas culturais tiveram enorme destaque. Essas iniciativas faziam parte da “propaganda”, isto é, a difusão das ideias ácratas para a criação de novos valores morais que acompanhassem as lutas políticas e econômicas por uma nova sociedade. O anarquismo, assim como as demais correntes socialistas no século XIX, sustentava um forte credo no convencimento e o poder da palavra impressa como uma das suas ferramentas.

A atividade editorial anarquista na Argentina é um objeto abordado há muito tempo. Max Nettlau, um dos principais historiadores do anarquismo, elaborou duas bibliografias. Na primeira, de 1898, realizou um levantamento dos jornais, revistas, livros e folhetos ácratas impressos por diversos países no mundo, entre eles, a Argentina<sup>3</sup>. Em 1927, Nettlau escreveu uma bibliografia atualizada para a América Latina com destaque para as edições argentinas<sup>4</sup>. Ainda no campo da bibliografia, outra contribuição essencial foi feita por Diego Abad de Santillán, em seu trabalho publicado em 1938 na revista *Timón*<sup>5</sup>. As obras de Gonzalo Zaragoza<sup>6</sup> e Isaac Oved<sup>7</sup> ao adotarem como problemas centrais a formação do anarquismo na Argentina e sua relação com o movimento operário, respectivamente, abordaram a relação entre os empreendimentos editoriais com a organização do movimento anarquista além de contarem com levantamentos bibliográficos das edições anarquistas argentinas como anexos. Os trabalhos mais recentes, inscritos em uma análise que privilegia a abordagem cultural, trouxeram outras perspectivas. É o caso de Juan Suriano em sua análise do discurso anarquista, suas representações e seus veículos de difusão, dentre eles os livros e os folhetos mas, sobretudo, os jornais<sup>8</sup>. Também destacamos os trabalhos de Luciana Anapios tratando da função organizativa dos jornais anarquistas, ressaltando suas disputas internas<sup>9</sup> e, por fim, Laura Fernández Cordero em sua leitura do concerto da imprensa anarquista a partir da

---

<sup>2</sup> Diego Abad de Santillán, *El movimiento anarquista en la Argentina: Desde sus comienzos hasta el año 1910*, Buenos Aires, Argonauta, 1930, p. 73.

<sup>3</sup> Max Nettlau, *Bibliographie de l'anarchie*, Bruxelas: Bibliothèque Des Temps Nouveaux, 1898.

<sup>4</sup> Max Nettlau, “Contribución a la Bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914”, *Certamen Internacional de La Protesta*, Buenos Aires, La Protesta, 1927, pp. 5-32

<sup>5</sup> Diego Abad de Santillán, “Bibliografía anarquista argentina”, *Timón*, 3, 1938, pp. 178-184.

<sup>6</sup> Gonzalo Zaragoza, *Anarquismo Argentino (1876-1902)*. Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996.

<sup>7</sup> Isaac Oved, *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1978.

<sup>8</sup> Juan Suriano, *Anarquistas: Cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001.

<sup>9</sup> Luciana Anapios, “Una promesa de folletos. El rol de la prensa en el movimiento anarquista en la Argentina (1890-1930)”. *A Contracorriente. Una revista de historia social y literatura en America Latina*. Vol. 8, nº 2, pp. 1-33, 2011.

análise de discurso na linha bakhtiniana, enfatizando seu caráter polifônico em contramão à construção de um monopólio da doutrina<sup>10</sup>.

O presente trabalho pretende contribuir no conhecimento sobre a atividade editorial anarquista ao explorar certas lacunas presentes na historiografia. Primeiramente, acreditamos que os estudos sobre as edições anarquistas se centraram sobre os jornais, por serem o principal suporte impresso. Em segundo lugar, as questões levantadas nas análises sobre os impressos anarquistas esclareceram importantes aspectos como suas significações simbólicas e identitárias, sua função organizativa, além da identificação e a enumeração das publicações, porém pouco sabemos sobre a dinâmica da atividade editorial anarquista. Desse modo, nesse trabalho buscaremos esclarecer esses pontos, ao abordar como era feita a edição anarquista de livros e folhetos em Buenos Aires entre 1890 e 1905. Pretendemos explorar como os anarquistas se organizavam para publicar e de que forma seus impressos circulavam. O período escolhido se justifica por duas razões. A primeira é de ordem política, uma vez que significa os anos de consolidação e ascensão do anarquismo entre os trabalhadores, tornando-se hegemônico. Esse processo tem seu marco justamente em 1905, quando o V Congresso da Federación Obrera Regional Argentina aprova a resolução da difusão do comunismo anárquico. O segundo é específico ao âmbito editorial: em 1890 começa a ser editado o primeiro jornal ácrata de longa duração (*El Perseguido*), iniciando o período de relação estreita entre os libertários e os impressos. Em 1904, tal relação sofre um ponto de ruptura com o *El Protesta* transformando-se em um diário. Acreditamos que a partir desse momento as práticas, a organização e a divisão de trabalho que caracterizavam o circuito editorial anarquista de Buenos Aires de então começam a ser alteradas. Assim, para pensar as publicações anarquistas desde uma perspectiva editorial a partir deste momento é necessário outra análise distinta da que apresento nesse trabalho.

Para isso, trabalharemos com o modelo do “circuito das comunicações” de Robert Darnton, pois acreditamos que ele nos possibilita construir um panorama da edição como um todo, entendendo-a como o processo que inclui diversas etapas. Adaptando sua ideia ao nosso contexto, apresentaremos a ideia de “circuito editorial anarquista”. Adotar como modelo de análise a ideia de um circuito próprio não significa considerá-lo fora do circuito geral de produção e circulação de impressos, mas sim que ele está inscrito nesse contexto maior com suas próprias especificidades. Também fazemos um adendo necessário a todas as análises sistêmicas: precisamos ter em mente que o modelo de circuito tem como pretensão interpretar

---

<sup>10</sup> Laura Fernández Cordero. “Un ejercicio de lectura sobre el concierto de la prensa anarquista a partir de Mijail Bajtin (1895-1925)”. *AdVersus – Revista de Semiótica*, nº 24, Buenos Aires, 2013, pp. 68-91.

a realidade vivida e não enquadrá-la. Sem essa atenção, qualquer modelo analítico pode cair na sedução da ilusão da objetividade e confundir análise sistêmica com uma leitura que se pretende total. Por sua complexidade, a experiência histórica é fugidia a qualquer análise estática que a sufoque dentro de um modelo.

Entre suas características peculiares está o transnacionalismo. Em sua constituição como movimento, os anarquistas teciam relações que iam além das fronteiras nacionais ao formarem uma rede transnacional. Em um contexto global de enormes fluxos de imigração transatlântica aliado a conjunturas repressivas em diversos países, muitos anarquistas passaram por diferentes regiões do mundo, não deixando de prosseguir com sua militância e os contatos com companheiros de outras latitudes. Esse processo fez com que o anarquismo se tornasse, nas palavras de Benedict Anderson, “o elemento dominante na esquerda radical autoconscientemente internacionalista”<sup>11</sup> até a Primeira Guerra Mundial. Desse modo, podemos dizer que o circuito editorial anarquista se inscreve na rede transnacional de militância constitutiva do movimento anarquista do final do século XIX e do início do século XX. Dentro das etapas da atividade editorial anarquista, aquelas em que a presença das relações transnacionais é mais perceptível são o financiamento e a distribuição. Acreditamos que a análise detida sobre a dinâmica das edições anarquistas podem jogar à luz ao desenvolvimento das relações transnacionais presentes entre os anarquistas portenhos.

### **O circuito editorial anarquista**

No artigo *What is the history of books?*, Robert Darnton sintetizou sua percepção do da história dos livros. Para ele, até aquele momento o interesse era crescente na área, o que se refletia no aumento exponencial de pesquisas. Com isso, um efeito colateral foi o excesso de especialização, fazendo com que muitos trabalhos ficassem limitados a restritos recortes temáticos e a objetos muito específicos. Preocupado com essa fragmentação existente na história do livro, Darnton propôs um modelo geral para analisar os percursos do livro desde a sua criação até chegar nas mãos dos leitores. A importância do modelo – nomeado de “circuito das comunicações” – é explicada pelo autor:

Para manter suas tarefas dentro de proporções exequíveis, os historiadores do livro geralmente recortam um segmento do circuito das comunicações e analisam-no segundo os

---

<sup>11</sup> Benedict Anderson. *Sob três bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial*. Campinas; Fortaleza: Editora da Unicamp; Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014, p. 20.

procedimentos de uma única disciplina [...]. Mas as partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas com o todo, e, se a história do livro não pretende se fragmentar em especializações esotéricas isoladas entre si por técnicas misteriosas e incompreensões mútuas, parece necessária alguma visão holística do livro como meio de comunicação<sup>12</sup>.

Desse modo, o intuito do “circuito das comunicações” é permitir que os estudos especializados consigam dialogar com outros nas diversas áreas que adotam os livros como objeto de investigação. Conforme podemos ver na imagem 1, o modelo proposto de Darnton integra a fase da produção (fornecimento de matérias-primas, edição e impressão), da circulação (venda, distribuição por meio de intermediários) e do consumo (compra, recepção dos livros pelas comunidades leitoras), em formato de ciclo. Sobre esse ciclo, influem fatores estruturais e conjunturais de ordem econômica, política e social.

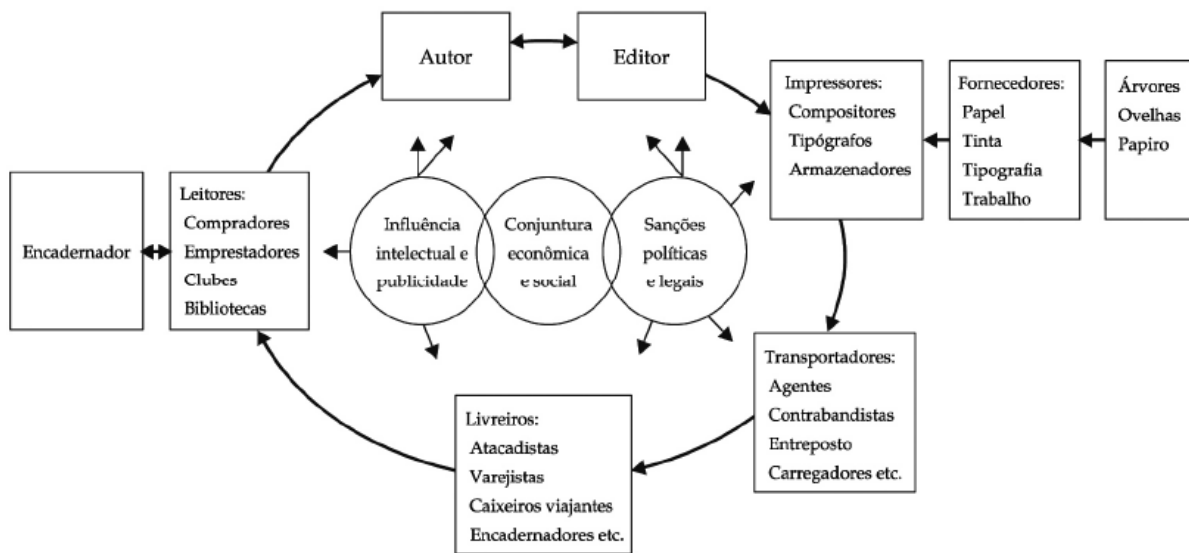


Imagem 1 – O circuito das comunicações. Fonte: Robert Darnton, op. cit., p. 127.

Darnton esclarece que seu ponto de partida é sua pesquisa, isto é, o mercado editorial francês da segunda metade do século XVIII. Contudo, ressalta que o modelo não tem pretensão de ser fechado, pois, “evidentemente, as condições variaram tanto de lugar para lugar e de época para época, desde a invenção do tipo móvel, que seria tolo esperar que todas

<sup>12</sup> Robert Darnton. “O que é a história dos livros?” *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p. 126.

as biografias dos livros se encaixassem num mesmo modelo”<sup>13</sup>. Assim, propõe que cada pesquisador adapte seu modelo de acordo com o contexto do seu objeto: “com pequenas adaptações, ele se aplicaria a todos os períodos da história do livro impresso”.<sup>14</sup> Em nossa apropriação do modelo de análise de Darnton, fazemos uma ressalva já feita anteriormente por Horacio Tarcus. Em sua obra sobre a recepção de Marx na Argentina, o autor propôs um modelo semelhante mas para pensar a processo de circulação de ideias. Ele não se baseou em Darnton, mas assim como o historiador estadunidense ele estruturou seu esquema no eixo produção/circulação/consumo. Para Tarcus, se é necessário definir analiticamente diferentes fases e atores, não podemos esquecer que “estos procesos se confundan en la práctica y estos roles puedan ser asumidos en forma simultánea por un mismo sujeto. Es así que dentro del proceso global de producción y circulación de las ideas, podemos distinguir no etapas temporales sucesivas sino distintos *momentos* (sic)”<sup>15</sup>.

Portanto, esse modelo é a base do que chamamos de “circuito editorial anarquista” para analisar a edição e a circulação dos livros e folhetos produzidos e vendidos pelos militantes libertários em Buenos Aires entre 1890 e 1905. Suas edições anarquistas mantêm elementos característicos da cultura impressa da Argentina de fins do século XIX, outros próprios das edições dos grupos de esquerda assim como elementos específicos apenas aos libertários<sup>16</sup>. Uma de suas características marcantes é sua constituição transnacional. Os livros e folhetos foram publicados por meio das relações constituídas pelos editores com anarquistas de outros países em diferentes momentos do circuito. A seguir, elucidaremos os momentos do circuito editorial anarquista, no qual perceberemos como atores de outras latitudes atuaram em sua formação.

### **Os artífices dos impressos**

A edição de livros e folhetos era feita por diversos atores. A figura do editor aparece, em geral, presente coletivamente. Pouco sabemos sobre sua dinâmica interna e, por conseguinte, não conseguimos conhecer com precisão qual era sua composição, quais eram os participantes e como eram divididos os trabalhos para a edição de livros e folhetos. As

---

<sup>13</sup> Robert Darnton, op. cit., p. 125.

<sup>14</sup> Robert Darnton, op. cit., p. 126.

<sup>15</sup> Horacio Tarcus, *Marx en la Argentina. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2007, p. 30.

<sup>16</sup> Ideia presente em Luciana Anapio, “Prensa y estrategias editoriales del movimiento anarquista en la Argentina de entreguerras”, *Anuario del Instituto de Historia Argentina*, 16(2) : e025, La Plata, 2016.



informações que sabemos são suas ações publicadas nos jornais e em suas próprias edições. Reuniam-se para organizar atividades de difusão das ideias anarquistas, como conferências, debates públicos, encenações teatrais e a edição de impressos. No início da década de 1890, destacaram-se os “grupos de propaganda”, que geralmente eram alinhados à vertente antiorganizadora. Assim, se organizavam para atividades específicas, sem manterem vínculos orgânicos entre si. Por essa característica, dedicaram-se mais às edições de livros e folhetos do que de periódicos – exceção feita ao *El Perseguido*. Foram responsáveis pela publicação de folhetos com tiragens expressivas, com algumas edições alcançando 5.000 e 10.000 exemplares<sup>17</sup>. No fim da década, após se estabelecerem como publicações com regularidade periódica, os jornais também publicam folhetos. São os casos de *La Protesta Humana*, *L’Avenir*, *El Obrero Panadero* e *El Rebelde*. Em seus títulos já há um aumento dos escritores locais comparado aos livros e folhetos editados anteriormente.

Porém, há duas exceções em que a figura do editor aparece individualmente. São os casos do tipógrafo Pedro Tonini e do livreiro Fortunato Serantoni. Através de suas empreitadas – a *Imprenta Elzeviriana* e a *Librería Sociológica*, respectivamente – os dois foram os militantes que mais se aproximaram da figura do editor no século XIX. Isto é, o agente inserido na cadeia produtiva dos livros, geralmente na impressão ou na venda, e que também publica obras, dedicando-se no planejamento de um catálogo de títulos a serem editados. Tanto o tipógrafo Tonini como o livreiro Serantoni buscaram na edição seu sustento e o meio principal de atividade política.

Há poucas informações biográficas sobre Pedro Tonini. O que sabemos sobre sua vida está baseado nos vestígios encontrados em suas edições e nos materiais impressos na sua gráfica. Em Buenos Aires, fundou a oficina tipográfica *Imprenta Elzeviriana*. Por meio do mapeamento das impressões realizadas em sua tipografia, assim como o apoio econômico que Tonini recebeu para suas próprias edições, Zaragoza<sup>18</sup> indica a proximidade de Tonini com a vertente “organizadora” do anarquismo, sobretudo com três militantes dessa corrente: Antoni Pellicer Paraire, também conhecido como Pellico, José Prat e Fortunato Serantoni. Todavia, em sua gráfica não eram impressas somente edições dessa corrente. Como afirma Domínguez: “ademés allí imprimió sus folletos el grupo antiorganizacionista “Los Ácratas”,

---

<sup>17</sup> Foram os casos, respectivamente, de *Ravachol*, editado por *La Expropiación* em 1895 e *De la patria*, de Augustin Hamon, publicado por *Los Ácratas* em 1898.

<sup>18</sup> Gonzalo Zaragoza. “Antoni Pellicer i Paraire i l’anarquisme argentí”. *Recerques: Història, Economia, Cultura*, Barcelona, v. 7, pp. 99-115, jan. 1978; Gonzalo Zaragoza, *Anarquismo Argentino (1876-1902)*. Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996.



y, en general, fue la imprenta no sólo donde se imprimieron la mayoría de los folletos anarquistas durante estos años, sino además algunos materiales socialistas”<sup>19</sup>.

Fortunato Serantoni foi um personagem central no circuito editorial anarquista de Buenos Aires. Foi o responsável pelo maior número de edições de livros e folhetos anarquistas, através da *Biblioteca de La Questione Sociale* e da *Biblioteca de la Librería Sociológica*. Também foi um dos principais importadores de impressos por meio da sua *Librería Sociológica*, sobre a qual abordaremos mais à frente. Além disso, foi peça-chave nas revistas *La Questione Sociale* e *Ciencia Social*, organizador das edições anuais dos *Almanaques populares de La Questione Sociale* e, por fim, também escreveu o folheto *Per un innocente d'Italia*, destinado à campanha de libertação de Cesare Batacchi. Segundo Max Nettelau, Serantoni destacava-se entre os libertários por ser um militante que trabalhava pela difusão das ideias anarquistas como um profissional da edição<sup>20</sup>.

Devido o número relevante de traduções, destacamos a importância do tradutor no circuito editorial anarquista. Dentre os tradutores do período, nota-se o galego José Prat. Na Espanha, se aproxima do anarquismo a partir de 1890, e passa a contribuir com a publicação de artigos e jornais. Entre 1896 e 1897 colabora com o jornal *El Corsario* de Coruña dirigido pelo grupo *Ni Dios Ni Amo*, que tinha acabado de comprar uma gráfica (nomeada de *Imprenta del Progreso*), para a edição de uma série de folhetos. Ao todo, a *Biblioteca de El Corsario* publica dez folhetos (uma série com sete títulos, mais três não numerados). José Prat traduz quatro – *Entre Campesinos*, de Errico Malatesta; *La anarquía es orden*, de Anselme Bellegarrigne; *Páginas de historia socialista*, de Varlaam Tcherkesov e *El socialismo y el congreso de Londres*, de Augustin Hamon – e escreveu o prefácio, ao lado de Ricardo Mella, de *La Barbarie gubernamental en España. Documentos sobre las torturas de Montjuich*<sup>21</sup>. O tema tratado pelo último folheto é o motivo para o exílio de Prat: o recrudescimento da repressão do governo espanhol aos anarquistas. Para fugir do mesmo destino dos seus companheiros encarcerados na Fortaleza de Montjuich, em Barcelona, José Prat vai a Londres e, em seguida, para Buenos Aires, permanecendo entre os anos de 1897 e 1898.

A chegada de Prat repercute entre os grupos anarquistas locais. Entusiasta da organização entre os anarquistas, acercou-se do jornal *La Protesta Humana*, o principal

---

<sup>19</sup> Lucas Domínguez, “La edición de libros y folletos en la conformación del anarquismo argentino” *Memorias – Coloquio argentino de estudios sobre el libro y la edición*, 1, 2012, La Plata: Unlp, 2012. p. 170.

<sup>20</sup> Referência feita por Gonzalo Zaragoza, *Anarquismo Argentino (1876-1902)*. Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, p. 159, a documento manuscrito de Max Nettelau encontrado no IISG (Amsterdã, Holanda).

<sup>21</sup> Francisco Madrid e Ignacio Soriano, *Antología documental del Anarquismo Español Volumen VI – Bibliografía del Anarquismo en España (1868-1939)*, Barcelona, CEDALL, 2016.

porta-voz organizacionista. Escreveu diversos artigos e traduziu o primeiro folheto editado pelo jornal: *¿Por que somos anarquistas?*, de Saverio Merlino, em 1898. Também foi próximo de Fortunato Serantoni, publicando artigos para sua revista *Ciencia Social* e traduzindo dois folhetos publicados pela *Biblioteca Sociológica*, organizada pelo anarquista florentino, quando já não estava mais na Argentina (*La anarquia ante los tribunales*, de Pietro Gori e *Enseñanza burguesa y enseñanza libertaria*, de Jean Grave, ambos publicados em 1899). Além dessas colaborações, é possível identificar outra evidência da proximidade de José Prat e Fortunato Serantoni. Nas páginas do *Les Temps Nouveaux*, de Paris, em janeiro de 1898, foi publicada uma breve nota na seção de correspondência: “Le camarade Prat nous prie de donner son adresse: Corrientes 2041, Buenos-Ayres”<sup>22</sup>. Esse é o mesmo endereço onde funcionava a *Librería Sociológica*, dirigida por Serantoni. Assim, percebe-se uma proximidade de José Prat com o *Ni Dios Ni Amo*, de La Coruña, e com Fortunato Serantoni, de Buenos Aires. Acreditamos que é provável que Prat tenha sido um elo entre eles. Isso porque meses após sua volta à Espanha em 1898, a revista *Ciencia Social* (na época publicada pro Serantoni) publica no primeiro número da sua segunda época, a seguinte nota dirigida aos assinantes espanhóis: “rogamos a los suscriptores deudores de España procuren remitir a la mayor brevedad el importe a: *Imprenta del Progreso* (sic), calle Torreiro 22, Coruña; como también pueden dirigirse allí cuantos compañeros de esta región deseen suscribirse a CIENCIA SOCIAL (sic)”<sup>23</sup>. Portanto, reunindo os indícios da trajetória próxima entre os três agentes, notamos uma congruência entre colaboração editorial e articulação política. No caso, José Prat, por meio dos seus trabalhos de tradução não contribuiu apenas para a publicação de folhetos, mas sim ajudou a tecer parte da rede transnacional de militância conectando o Rio da Prata com a Galícia.

Apesar das suas ideias e relações com os grupos organizacionistas, José Prat também colaborou com a *Biblioteca Ácrata*, coleção de folhetos do grupo homônimo de linha antiorganizacionista, com a tradução de *Entre Campesinos*, de Errico Malatesta, publicado em 1897. O anarquista galego retorna para a Espanha em 1898, mas segue intervindo no anarquismo bonaerense com suas colaborações nos títulos publicados por Serantoni e também através do envio de artigos para o *La Protesta Humana*. Nos anos seguintes, tornou-se editor de uma revista ácrata – *Naturaleza* – e escreveu e traduziu diversos livros e folhetos publicados tanto por grupos anarquistas como pela *Sempere y Cia*, uma editora comercial

---

<sup>22</sup> *Les Temps Nouveaux*, Ano III, nº 39, 22-28/01/1898, p.4.

<sup>23</sup> *Ciencia Social*, Ano II, nº1, julho de 1898, segunda capa.

espanhola. Além disso, seguiu com seu labor periodístico ao publicar artigos em vários jornais libertários.

Desse modo, por meio de José Prat percebemos a complexidade da relação entre organizacionistas e antiorganizacionistas no anarquismo portenho da década de 1890. Além disso, também percebemos alguns elementos da dinâmica da tradução entre os anarquistas. Primeiramente, os tradutores eram militantes que intermediavam a relação entre grupos de vários países, em razão do domínio conhecimento de vários idiomas e, em certos casos (como no de Prat), do seu caráter de exilado. Na breve menção que fizemos à sua trajetória percebemos suas ligações na Espanha (*El Corsario*), na Argentina (*La Protesta Humana*, *Librería Sociológica* e *Los Ácratas*) e França (*Les Temps Nouveaux*). Em segundo lugar, percebemos como as tarefas editoriais eram misturadas. José Prat não apenas traduzia, mas também escrevia frequentemente para os jornais e as revistas e, na sua volta para a Espanha, teve seus folhetos publicados, além de tornar-se editor. Portanto, em um mesmo personagem, encontramos a figura de tradutor, escritor e editor.

### **A subscrição: financiamento para além das fronteiras**

Por não se tratar de uma atividade comercial, as edições não eram vistas pelos anarquistas com o fim de render lucro. Todavia, era necessário ter dinheiro suficiente para custeá-las. Uma maneira buscada era a venda por subscrição, uma prática recorrente no meio editorial do século XIX. O processo se dava da seguinte maneira: o grupo interessado em editar algum impresso divulgava sua iniciativa, em geral através dos jornais e por meio de panfletos. Junto com a divulgação, o grupo imprimia as “listas de subscrição”: isto é, panfletos nos quais incluía uma descrição sucinta do que seria publicado, os valores de venda estipulados e uma lista para que as pessoas interessadas pudessem se inscrever na lista, assim tornando-se assinantes e adquirindo os impressos. Nas listas havia três colunas: uma para o leitor escrever seu nome, outra para seu endereço e a última para a quantia doada. Um exemplo de lista de subscrição pode ser visto abaixo, na imagem 2, na lista de subscrição em favor de *La Questione Sociale*, editada por Fortunato Serantoni. Na descrição do que viria a ser a revista, menciona-se seu propósito, formato material, e os autores publicados. Por fim, há uma tabela para os subscritores informarem seus nomes, suas residências e a quantia, sendo que o preço posto para a assinatura trimestral da revista pagando antecipadamente é de \$1 para a Argentina e \$1,20 para o exterior.

**LA QUESTIONE SOCIALE**  
**RIVISTA MENSILE**

DI STUDI SOCIALI E DEL MOVIMENTO OPERAIO INTERNAZIONALE

Int. No. 1894  
Sec. Geograf. e Stat.  
Amsterdam

Questa rivista avrà per collaboratori i più noti scrittori socialisti d'Europa, i quali esporranno con forma facile e piena, accessibile anche alle intelligenze meno sviluppate, i principi del socialismo anarchico molto spesso combattuti perché non ben compresi.

La **Questione Sociale**, oltre agli articoli di critica e sociologia, darà ai suoi lettori un'accurata rassegna del movimento operaio mondiale, sia nell'ordine del pensiero che in quello dei fatti.

Discendendo dal dominio della teoria in quello della pratica, la nostra rivista combatterà tutte le ingiustizie dell'ordena società, mettendo a nudo l'indegno sfruttamento di cui oggi sono vittime i lavoratori della città e della campagna.

In quest'epoca, sì tempestosa — tra l'accrescersi del disagio economico e morale nelle classi proletarie, e il dilanato, sì vivace, dei più ardui problemi umani e sociali nelle sfere degli studiosi e nel popolo stesso — non sarà certo, sebbene ardua, inopportuna ed inutile questa nuova pubblicazione.

Chiunque prenda a cuore la causa dei sofferenti, chiunque spera e fida in tempi migliori, chiunque amico od avversario s'occupi con amore e buona fede della grande questione sociale, ha l'interesse di coadiuvarci in quest'opera, sotto ogni rapporto, buona e lodevole.

Buenos Aires 5 Maggio 1894.

LA REDAZIONE.

Indirizzo: Lettere ed abbonamenti all'Editore

F. SERANTONI — Piedal, 2095 — BUENOS AIRES

La **Questione Sociale** uscirà ogni mese in fascicoli di 32 pagine a due colonne non copertina.

ABBONAMENTO TRIMESTRALE ANTICIPATO  
Argentina \$ 1 - Estero \$ 1,20

Il primo numero uscirà il 27 del corrente Maggio e conterrà fra gli altri pregevoli scritti, i seguenti importantissimi: lavori di sociologia anarchica:

1. **L'AVVENIRE DEI NOSTRI FIGLI**

ELISEO RECLUS

2. **I BISOGNI DI LUSSO**

PIETRO KROPOTKINE  
Importante capitolo tradotto dal suo ultimo libro: LA CONQUISTA DEL PANE.

3. **ORIGINE DELLA RICCHEZZA**

SERGIO DE COSMO

|                      |           |
|----------------------|-----------|
| SCHEDE D'ABBONAMENTO |           |
| NOME E COGNOME       | DOMICILIO |
|                      | Importo   |

Indirizzo: L'ufficio d'abbonamenti all'Editore

F. SERANTONI — Calle Piedal, 2095 — BUENOS AIRES

Imagem 2 – Lista de subscrição em favor de *La Questione Sociale* (Acervo Fundo Max Nettlau – IISH)



nome e ao valor doado e não há referência ao domicílio do doador. Vale notar que a subscrição voluntária não era apenas um mecanismo de arrecadação de dinheiro para as edições. Era uma prática recorrente entre os grupos anarquistas para reunir dinheiro para diversos fins: para a edição de impressos, para a criação de centros sociais e escolas, campanhas de libertação de presos, de apoio à família de militantes presos ou executados, entre outros.

Após a coleta das doações, os grupos responsáveis pelas edições publicavam o balanço de contas, nos próprios folhetos ou em jornais, discriminando cada doador, a respectiva quantia doada e os gastos da edição, geralmente indicando o custo da impressão e a tiragem. Essas doações vinham não só de cidades da Argentina mas também de outros países. Sobre essa questão, temos dois exemplos, sobre os quais trataremos a seguir.

O primeiro se refere aos aportes financeiros do grupo *Fermin Salvochea*, de São Paulo, para Buenos Aires. Ele organizou listas de subscrições na cidade paulistana entre dezembro de 1899 a fevereiro de 1902, arrecadando dinheiro para contribuir com as publicações dos jornais *La Protesta Humana*, *L'Avvenire*, *El Rebelde*, *El Obrero Panadero* e para a edição de livros e folhetos da Librería Sociológica, além de enviar doações para Soledad Gustavo em Madri – na época, uma das editoras da Revista Blanca – e para a campanha de libertação de Cesare Batacchi, na qual Fortunato Serantoni teve papel destacado<sup>24</sup>.

O segundo exemplo ocorreu anos antes, quando o grupo Mocidade Comunista Anárquico, do Rio de Janeiro, publicou seu balanço de contas da edição do folheto “A Mocidade”, de Piotr Kropotkin nas páginas do jornal *El Perseguido*, de Buenos Aires<sup>25</sup>. As atividades do grupo brasileiro frequentemente eram publicadas no jornal portenho e a edição do folheto *A Mocidade* contou com doações de anarquistas que residiam na Argentina. A relação de solidariedade era recíproca: o Mocidade Comunista Anárquica organizou listas de subscrição em favor do *El Perseguido* no Rio de Janeiro e alguns dos seus militantes emigraram para Buenos Aires após serem presos e deportados pela polícia brasileira, entrando para o grupo *Juventud Comunista Anárquica*. A ação da repressão fez com que a edição do folheto *A Mocidade* ficasse prejudicada. Segundo nos informa as páginas do *El Perseguido*, os militantes foram forçados a se exilar, “habiendo quedado el folleto impresso

---

<sup>24</sup> *La Protesta Humana*, n°74, 24/12/1899, p.4; n°75, 07/01/1900, p.4; n°80, 18/03/1900, p.4; n°81, 01/04/1900, p.4; n°84, 13/05/1900, p.4; n°86, 10/06/1900, p.4; n°88, 08/07/1900, p.4; n°90, 05/08/1900, p.4; n°92, 02/09/1900, p.4; n°94, [?]/09/1900, p.4; n°108, 26/01/1901, p.4; n°117, 06/04/1901, p.4; n°160, 08/02/1902, p.4.

<sup>25</sup> *El Perseguido*, n° 52, 27/11/1892, p. 4.



en la imprenta y con la mitad pago en el momento del destierro”<sup>26</sup>. A outra metade do dinheiro reunido para os custos de impressão foi entregue para *Juventud Comunista Anárquica*, novo grupo dos militantes<sup>27</sup>.

### **A distribuição: abastecendo a propaganda**

Em abril de 1895, o *El Perseguido* publica a seguinte nota: “El grupo *La Expropiación*, nos ruega avisar a los compañeros de Europa que piden grandes paquetes de folletos, que si no los reciben es debido a que sus fuerzas no le permiten, por el momento, atender a todos pedidos grandes.”<sup>28</sup> O trecho é significativo em dois aspectos: primeiro, para compreendermos como era feita a distribuição dos exemplares impressos em Buenos Aires; em segundo lugar, ao notarmos quais eram, em parte, seus destinatários.

Conforme já destacamos, a edição era entendida como uma atividade de propaganda. A prioridade dos editores era atender o movimento, para que os grupos de propaganda distribuíssem os folhetos ou utilizassem em suas atividades. Não raro o preço cobrado do público militante era diferenciado daquele pago pelo público em geral. Em agosto de 1898, a *Librería Sociológica* anuncia dois preços para *Anarquía ante los tribunales*, de Pietro Gori, editado por ela própria: “15 centavos en las librerías y los kioscos – a los compañeros precio voluntario”<sup>29</sup>. No mesmo sentido, havia preços mais baixos para a venda em pacotes de 100 exemplares. Com o título “Buena ocasión para hacer propaganda”, *La Protesta Humana* noticia:

En la Librería Sociológica, Corrientes 2041, hay una gran existencia del folleto, editado lujosamente, Entre Campesinos de Malatesta, traducción de J. Prat, el cual se venderá a pesos 6 (sic)<sup>30</sup> cada 100 ejemplares a fin de que los grupos y compañeros que quien distribuirlo entre los trabajadores del campo les pueda ser de más fácil adquisición.<sup>31</sup>

Anos depois, em 1902, o grupo *Defensores de Nuevas Ideas* adotou a mesma estratégia. Na ocasião da jornada de conferências do deputado italiano Dino Rondani, organizada pelo Partido Socialista local mas que contou com a presença de anarquistas para

<sup>26</sup> *El Perseguido*, nº 56, 26/02/1893, p.4.

<sup>27</sup> *El Perseguido*, nº 56, 26/02/1893, p.4.

<sup>28</sup> *El Perseguido*, nº 83, 16/05/1895, p. 4.

<sup>29</sup> *Ciencia Social*, Año II, nº2, contracapa.

<sup>30</sup> Provável erro na composição dos tipos.

<sup>31</sup> *La Protesta Humana*, nº 9, 10/10/1897, p.4.



contestá-lo<sup>32</sup>, o grupo publicou o folheto *Verité* para ser distribuído pelos seus companheiros. O folheto era curto, com 16 páginas, reunindo textos de Élisée Reclus, Octave Mirabeau e Carlo Pisacane sobre antiparlamentarismo. O pacote de 100 exemplares custava 1,25 pesos para o envio a Buenos Aires e 1,5 pesos para o interior<sup>33</sup>.

Outra forma de facilitar a distribuição dos seus folhetos era vendê-los por contribuição voluntária. Assim, cada pessoa poderia ter um exemplar pagando o valor que quisesse. Essa prática era mais comum entre os grupos da linha antiorganizadora, que em geral tinham uma postura mais radical e rechaçavam qualquer tipo de venda. A respeito da resistência em precificar seus impressos, *La Expropiación* deixa claro sua intenção:

Siendo nosotros Anarquistas-Comunistas y por consiguiente contrarios a todo sistema de venta, aunque este sea para la propaganda, ponemos nuestras publicaciones a disposición de todos los trabajadores, sin embargo contamos con la cooperación de CADA UNO, SEGUN SUS FUERZAS (sic).

Así lo que sienten la necesidad de hacer propaganda, pueden pedir los ejemplares que quieran y nosotros les mandaremos tambien *segun nuestras fuerzas* (sic)<sup>34</sup>.

O segundo elemento destacado na primeira citação do *La Expropiación* foi seu destinatário. A nota é destinada para os grupos europeus, para os quais o grupo portenho não garante atender a todas as demandas. Trata-se de um caso em que a distribuição de impressos publicados em Buenos Aires é feita para grupos de outros países. Além da circulação dentro da Argentina, os impressos chegavam a diferentes latitudes.

Um dos centros consumidores era Patterson, nos Estados Unidos. O principal remetente dos anarquistas residentes em Nova Jersey era Fortunato Serantoni. Há notícias de que os exemplares do *Almanaque de La Questione Sociale* enviados para a cidade estadunidense não foram suficientes para cobrir a demanda<sup>35</sup>. Outro êxito editorial de Serantoni em Patterson foi o folheto *Per chiamo anarchici?*, de Saverio Merlino, publicado em 1896. Desde lá houve pedidos para uma segunda edição, feita por Serantoni em 1900<sup>36</sup>. A

---

<sup>32</sup> Sobre a jornada de conferências de Dino Rondani em Buenos Aires, ver mais em Gonzalo Zaragoza, *Anarquismo Argentino (1876-1902)*. Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996.

<sup>33</sup> *La Protesta Humana*, nº 194, 04/10/1902, p.4

<sup>34</sup> Georges Etievant. *Declaraciones*. Buenos Aires: La Expropiación, 1895, p. 29.

<sup>35</sup> Adriano Paolo Giordano, “Fortunato Serantoni: l’editore errante dell’anarchia”, *Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento*, organizado por Maurizio Antonioli, Pisa: Bfs Edizioni, 2007, p. 110.

<sup>36</sup> Adriano Paolo Giordano, op. cit., p. 111.

atividade de propaganda desenvolvida pelos anarquistas italianos nas duas cidades era intensa e alimentava uma relação estreita entre os circuitos editoriais de Buenos Aires e Patterson<sup>37</sup>.

### **A circulação: nas trilhas dos impressos**

A distribuição não era feita apenas pelos próprios grupos editores. Além da venda direta, muitos grupos deixavam alguns dos seus exemplares nas redações dos jornais pois, em geral, eram eles que tinham mais conexões e relações com outros grupos e indivíduos, tanto no âmbito local quanto no âmbito internacional. Nesse sentido, os jornais que mais contribuíram para a difusão de edições de outros grupos foram o *El Perseguido* e o *La Protesta Humana*, dado que confirma o alcance que esses jornais tiveram.

Todavia, a distribuição mais recorrente dos impressos anarquistas em Buenos Aires era por meio das livrarias. Além de distribuírem edições produzidas na Argentina, as livrarias importavam diversos impressos. Desse modo, se na seção anterior estudamos a circulação de folhetos portenhos para outros países, por meio do catálogo das livrarias conseguimos estudar o fluxo no sentido inverso: a presença dos impressos estrangeiros na capital argentina.

Temos notícias de três livrarias, que cumpriram uma função essencial: a *Librairie Internationale*, a *Librería Sociológica* e a *Librería Libertaria*. A *Librairie Internationale* foi fundada por Émile Piette, imigrante belga que se fixou em Buenos Aires na década de 1880. Piette foi próximo do círculo de anarquistas francófonos, responsáveis pela edição do jornal *La Liberté*, criado em 1893. Após a morte de Piette, em 1895, a livraria segue suas atividades sob os cuidados de Alexander Sadier, que também fazia parte do mesmo círculo que Piette e já trabalhava com ele na livraria nos anos anteriores. Também é possível identificar o seu endereço, localizada na Calle Esmeralda 574. A partir de maio de 1894 o jornal *La Liberté*<sup>38</sup> anuncia a venda de folhetos em francês. Apesar de não existir uma evidência direta, acreditamos que se trata de parte do catálogo da *Librairie*, pois os redatores do jornal eram os mesmo que organizavam a livraria. Nos títulos, vemos somente folhetos em francês, indicando uma restrição do seu público ao setor francófono do anarquismo portenho. Ao

---

<sup>37</sup> Vale ressaltar que Max Nettlau já havia indicado a necessidade de explorar com maior profundidade a atividade editorial em Buenos Aires e Patterson nos estudos da bibliografia anarquista na América Latina: “Estas listas que reúno aquí en conjunto no son sino los rudimentos de una bibliografía. Para la época que va desde 1890 a 1904 falta, por ejemplo, casi todo lo que se refiere a la obra de P. Gori en la Argentina, los orígenes de la organización regional, los preparativos del cotidiano, las ediciones, sin duda más numerosas, de los dos centros de ediciones en Buenos Aires y en Patterson”. “Contribución a la Bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914”, *Certamen Internacional de La Protesta*, Buenos Aires, La Protesta, 1927, p. 22.

<sup>38</sup> *La Liberté*, nº8, 06/05/1894, p.4.

longo dos anos, a *Librairie* manteve contato frequente com o *Les Temps Nouveaux*, jornal parisiense que figurava entre um dos mais influentes entre os libertários e editor de uma vasta coleção de folhetos.

Principal centro de distribuição de impressos nacionais e internacionais, a *Librería Sociológica* foi iniciativa de Fortunato Serantoni, citado anteriormente sobre sua atividade como editor. Logo que se instalou na cidade portenha, Serantoni abriu uma livraria. Nesses anos, nomeou-a de “Serantoni y Cia”, localizada na rua Piedad, 2095. Em janeiro de 1894 já havia menções de que neste endereço era possível a aquisição de jornais anarquistas italianos, como *Il Pensiero*, de Chieti. O historiador Adriano Paolo Giordano afirma que provavelmente na segunda metade de 1894 Serantoni muda para sua livraria para a Avenida Corrientes, 2039-2041, endereço no qual permanecerá durante toda a temporada portenha<sup>39</sup>.

Em um levantamento dos títulos anunciados pela *Librería Sociológica* em suas edições e nas páginas do jornal *La Protesta Humana*, percebemos o alcance da livraria. Em um total de 132 títulos levantados, conseguimos identificar o local de origem de 108<sup>40</sup>. A seguir, na Tabela 1 apresentamos os dados recolhidos:

Tabela 1 – Local de publicação dos livros e folhetos vendidos pela Librería Sociológica (1894-1902)

| País                  | Número de títulos | % (valor aproximado) |
|-----------------------|-------------------|----------------------|
| <b>Argentina</b>      | 60                | 55,6                 |
| <b>Espanha</b>        | 17                | 15,8                 |
| <b>Itália</b>         | 13                | 12                   |
| <b>Estados Unidos</b> | 11                | 10,1                 |
| <b>França</b>         | 6                 | 5,5                  |
| <b>Suíça</b>          | 1                 | 1                    |

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor.

As edições portenhas formam a grande maioria (55,6%), porém se somarmos os títulos oriundos de outros cinco países (Espanha, Itália, Estados Unidos, França e Suíça) chegamos quase a metade (44,4%). Além dos catálogos de livros e folhetos, a *Librería Sociológica* também vendia jornais anarquistas publicados em diversas partes do mundo. Em maio de 1898, junto com o catálogo de livros e folhetos, havia o anúncio da venda das seguintes publicações do exterior: *L’Agitazione* (Ancona, Itália), *L’Asino* (Roma, Itália), *La Questione Sociale* (Patterson, Estados Unidos), *L’Avvenire Sociale* (Messina, Itália), *El*

<sup>39</sup> Adriano Paolo Giordano, op. cit., p. 102.

<sup>40</sup> Identificamos o local de origem a partir de um cruzamento de dados entre os documentos utilizados, o catálogo do IISH (International Institute of Social History – Amsterdã/Holanda) e a bibliografia de Francisco Madrid e Ignacio Soriano, op. cit.

*Despertar* (Nova Iorque, Estados Unidos), *La Idea Libre* (Madri, Espanha), *Le Libertaire* (Paris, França), *Le Temps Nouveaux* (Paris, França), *Le Père Peinard* (Paris, França)<sup>41</sup>. Desse modo, através da circulação de impressos promovida pela *Librería Sociológica*, podemos o vínculo entre o circuito editorial de Buenos Aires com outros países.

### **Considerações finais**

A atividade editorial foi central para o desenvolvimento do anarquismo em Buenos Aires. Entendê-la e analisa-la de modo sistêmico, como um circuito, nos possibilita compreender melhor seu lugar frente ao conjunto de iniciativas editoriais do final do século XIX, tanto aqueles de viés comercial como os projetos em que os socialistas estiveram à frente. Além disso, por meio do estudo do circuito editorial anarquista podemos esclarecer questões que vão além da produção e circulação de impressos, como a dinâmica interna do movimento e seu enraizamento na capital argentina.

Em termos editoriais, os libertários se inserem na cultura impressa da Argentina de finais do século XIX. Percebe-se a centralidade do jornal entre os anarquistas não somente como veículo, mas também como no estabelecimento de práticas e estratégias editoriais baseando-as em preceitos característicos da imprensa. O jornal é o principal suporte de publicação, não só como meio de informação mas também de comunicação, por meio das trocas de mensagens entre os grupos e na difusão de literatura doutrinária. Nota-se também que os folhetos, em sua grande maioria, saíram de tipografias específicas para a impressão de jornais, ao se perceber suas características físicas. Ademais, a venda por subscrição também era uma prática comum em outros empreendimentos editoriais do período. Em comparação com outros circuitos do campo da esquerda, os anarquistas compartilharam a crença na difusão da palavra escrita como instrumento de transformação da ordem social vigente, colocando a propaganda como o objetivo central da sua atividade editorial. Porém, há uma diferenciação a respeito dos meios de financiamento. Os socialistas, assim como os anarquistas, faziam o uso da venda por subscrição, porém também recorriam aos anúncios publicitários, prática presente entre os anarquistas apenas a partir da transformação do *La Protesta* em diário, em 1904. Em contrapartida, os libertários fizeram amplo uso das subscrições voluntárias.

---

<sup>41</sup> *La Protesta Humana*, nº 35, 15/05/1898, p. 4.

Ao estudarmos a edição e a circulação de impressos como um circuito também jogamos luz sobre a rede de militância formada por anarquistas de diversos países. Percebe-se que para entender como os anarquistas se organizavam para editar seus impressos é preciso adotar um nível de análise que abarque mais espaços além da Argentina. Como vimos, existe uma presença ativa de atores de outros países em diferentes momentos na conformação da atividade editorial anarquista em Buenos Aires. Compreender as relações e os vínculos dos grupos editores portenhos ajuda a localizá-los dentro do anarquismo transnacional do período.

Por fim, a abordagem sistêmica possibilitada pela ideia de circuito revaloriza algumas funções e seus agentes, como editores, livreiros e autores, que geralmente ficam à sombra dos escritores nos estudos sobre a recepção e a difusão das ideias anarquistas. Trata-se de um preconceito comum na história intelectual tradicional que sobrevaloriza a figura do autor. As ideias não viajam sozinhas do contexto original em que são produzidas para o contexto no qual são recepcionadas. Além dos sujeitos portadores das ideias, são necessários os suportes materiais e os agentes que estão por detrás da sua produção e circulação. A noção de circuito nos ajuda a lembrar de tal realidade.

## Referências

### Fontes (anos consultados)

**Ciencia Social** (1898-1900)

ETIEVANT, Georges. **Declaraciones**. Buenos Aires: La Expropiación, 1895.

HAMON, Augustin. **De la patria**. Buenos Aires: Los Ácratas, 1898.

**La Liberté** (1893-1894)

**El Perseguido** (1890-1894)

**La Protesta Humana** (1898-1903)

**Les Temps Nouveaux** (1895-1905)

### Bibliografia

ANAPIO, Luciana. Una promesa de folletos. El rol de la prensa en el movimiento anarquista en la Argentina (1890-1930). **A Contracorriente**. Una revista de historia social y literatura en America Latina. Vol. 8, nº 2, pp. 1-33, 2011.

\_\_\_\_\_. Prensa y estrategias editoriales del movimiento anarquista en la Argentina de entreguerras”, **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, 16(2) : e025, La Plata, 2016, pp. 1-20.

ANDERSON, Benedict. **Sob três bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial**. Campinas; Fortaleza: Editora da Unicamp; Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014.

- CORDERO, Laura Fernández. Un ejercicio de lectura sobre el concierto de la prensa anarquista a partir de Mijail Bajtin (1895-1925). **AdVersuS – Revista de Semiótica**, n° 24, Buenos Aires, 2013, pp. 68-91.
- DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In.: \_\_\_\_\_. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 122-149.
- DOMÍNGUEZ, Lucas. La edición de libros y folletos en la conformación del anarquismo argentino. In: **Memorias**. Coloquio Argentino de Estudios sobre el libro y la edición. La Plata: Unlp, 2012. pp. 165-175.
- GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. In: ANTONIOLI, Maurizio (Org.). **Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento**. Pisa: Bfs Edizioni, 2007. p. 93-121.
- MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. **Antología documental del Anarquismo Español Volumen VI** – Bibliografía del Anarquismo en España (1868-1939). Barcelona, CEDALL, 2016.
- NETTLAU, Max. **Bibliographie de l'anarchie**. Bruselas: Bibliothèque Des Temps Nouveaux, 1898.
- \_\_\_\_\_. Contribución a la Bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914. **Certamen Internacional de La Protesta**, Buenos Aires, La Protesta, 1927, pp. 5-32.
- OVED, Isaacov. **El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978.
- SANTILLÁN, Diego Abad de. **El movimiento anarquista en la Argentina**: Desde sus comienzos hasta el año 1910. Buenos Aires: Argonauta, 1930.
- \_\_\_\_\_. Bibliografía anarquista argentina, **Timón**, 3, 1938, pp. 178-184.
- SURIANO, Juan. **Anarquistas**: Cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001.
- TARCUS, Horacio. **Marx en la Argentina**. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires, Siglo XXI, 2007.
- ZARAGOZA, Gonzalo. Antoni Pellicer i Paraire i l'anarquisme argentí. **Recerques: Història, Economia, Cultura**, Barcelona, v. 7, p.99-115, jan. 1978.
- \_\_\_\_\_. **Anarquismo Argentino (1876-1902)**. Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996.